



Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização
nos Países de Língua Portuguesa

ISSN: 1980-7686

suporte@mocabras.org

Universidade de São Paulo
Brasil

SILVA, Nilce da; Serra Young PICCHIONI, Marta; Mendonça CASCAPERA, Claudia de
Estudo sobre atitudes, valores e crenças a respeito do papel das famílias de alunos na fase inicial da
escolarização no contexto da realização das "lições de casa": diálogo com a experiência quebequense

Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, vol. III, núm. 6,
marzo-agosto, 2009, pp. 321-341

Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87913038024>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Estudo sobre atitudes, valores e crenças a respeito do papel das famílias de alunos na fase inicial da escolarização no contexto da realização das “lições de casa”: diálogo com a experiência quebequense.

Study about attitudes, values and beliefs concerning to the role of families whose children are in initial phase of scholarization in the context of producing “home works”: dialogue with a Quebequian experience.

Étude sur les attitudes, les valeurs et les croyances sur le rôle des familles des élèves qui commencent leur scolarité dans le contexte de la réalisation de devoirs: le dialogue avec l'expérience québécoise.

Nilce da SILVA

Marta Serra Young PICCHIONI

Claudia de Mendonça CASCAPERA

RESUMO

O presente artigo apresenta o diálogo estabelecido entre o *Centre de recherche et d'intervention sur la réussite scolaire* da *Université du Québec a Trois-Rivière* (UQTr) por meio dos trabalhos da Profa. Dra. Rollande Deslandes e o grupo de pesquisa Estudos sobre populações migrantes no Brasil e no Mundo: o papel da instituição escolar numa perspectiva comparatista a partir de pesquisa qualitativa e quantitativa realizada sobre o tema “lição de casa” nos primeiros anos da escolarização em Trois-Rivières e na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Educação, Lição de Casa, Família, Escola.

ABSTRACT

The present article presents an established dialogue between the *Centre de recherche et d'intervention sur la réussite scolaire* da *Université du Québec à Trois-Rivière* (UQTr) by means Professor PhD Rollande Deslandes' works and the group of research *Estudos sobre populações migrantes no Brasil e no Mundo: o papel da instituição escolar* in a comparatista perspective from qualitative and quantitative research carried through on the subject "homework" in the first years of the school process in Trois-Rivières and São Paulo cities.

Index terms: Education, Homework, Family, School.

RÉSUMÉ

Cet article présente le dialogue établi entre le Centre de recherche et d'intervention sur la réussite scolaire de l'Université du Québec à Trois-Rivières (UQTR) grâce au travail de la professeure docteure Rollande Deslandes et de Le groupe de recherches d'études concernant les populations migrantes au Brésil et dans le monde: le rôle de l'école dans une perspective de comparaison de la recherche qualitative et quantitative menée sur les "devoirs" dans les premières années de la scolarité à Trois- Rivières et à São Paulo.

Mots-clés: Education, Devoir, Famille, École.

Introdução

A partir das discussões fomentadas pelo diálogo entre o Grupo de Pesquisa e Extensão: *Estudos sobre populações migrantes no Brasil e no mundo: o papel da instituição escolar* e o *Centre de recherche et d'intervention sur la réussite scolaire* da *Université du Québec à Trois-Rivière* por meio do contato com as pesquisas longitudinais realizadas pela Profa. Dra. Rollande Deslandes, a temática da *lição de casa* tornou-se alvo de nosso olhar. Neste contexto, há que se ressaltar que o lado brasileiro está motivado pelo trabalho de duas décadas desenvolvidos pela parceira canadense e, portanto, realizamos ainda pesquisa de caráter exploratório.

Do nosso ponto de vista, a referida temática é objeto intermediário na medida em que se coloca num espaço de transitoriedade, entre a casa e a escola; os saberes prévios e os instituídos, o certo e o errado, o treino mecânico e a “conversa” que pode se estabelecer com o “mundo exterior” aos muros escolares. E assim, ambígua por sua própria transterritorialidade, a *lição de casa* é objeto de muitos saberes e *lôcus* de intersecção no que tange aos universos domésticos e escolares.

No presente artigo, por meio da realização de investigações com caráter qualitativo (uso de entrevistas) e quantitativo (aplicação de questionários), numa perspectiva comparatista entre as cidades de Trois-Rivières e São Paulo, pretendemos apresentar os resultados preliminares das nossas investigações iniciadas em maio deste ano e refletir acerca dos sentidos atribuídos, por pais e alunos, a essa atividade cotidiana, muitas vezes reproduzida de maneira mecânica e automatizada, sem que haja maiores investimentos na experimentação de algum tipo de reflexividade que dela poderia emanar e apresentar continuidade de trabalho da referida proposta bilateral.

Neste sentido, o diálogo com a experiência canadense, conforme explicitaremos a seguir, é de grande importância para que possamos estabelecer algumas relações sobre os diferentes contextos sócio-culturais e suas repercussões no que diz respeito ao lugar da *lição de casa* na casa e na escola, bem como no cotidiano dos alunos que criam seu próprio lugar na escola e na representação dos professores, a partir da relação que desenvolvem com a *lição de casa*.

As questões que têm orientado nossa investigação são as seguintes: Qual a função da *lição de casa* e qual seu papel no cotidiano escolar? Quais as percepções acerca do lugar da *lição de casa* na vida cotidiana de crianças entre 10 e 11 anos e, por fim, qual a visão dos pais e mães a respeito do

papel que a *lição de casa* desempenha na formação escolar de seus filhos e filhas? Quanto tempo os jovens devem passar por dia fazendo *lição de casa*? Qual o papel de seus pais diante destas tarefas? Qual a opinião dos pais acerca destas atividades? É a *lição de casa* uma fonte de tensão ou de colaboração entre escola e família? Ou seja, quais as atitudes, as crenças e as estratégias dos pais e mães de alunos na fase inicial da escolarização no contexto da realização das “*lições de casa*”?

Essas foram algumas questões das quais partimos para propormos uma reflexão acerca do papel da *lição de casa* e suas diferentes representações neste início de século XXI. Vejamos a seguir os pressupostos teóricos que apontam as características da sociedade – tanto canadense como brasileira – em que se inserem os sujeitos desta pesquisa, a saber: pais e mães, alunos (as) e professores (as) dos primeiros anos da escolarização básica.

O século XXI: os contextos da pesquisa

Vivemos um momento histórico de muitas mudanças no nível macro social que, de uma forma ou de outra, acabam por repercutir na escola. Muitos são os autores que têm se dedicado a pesquisar as transformações pelas quais vem passando as instituições da modernidade, entre elas, a escola.

Peter Moss (2003) aponta-nos para a necessidade de criarmos novas perspectivas educacionais que transcendam os muros institucionais e coloquem a escola, cada vez mais como um fórum de discussão social, do qual participe toda a comunidade, Popkewitz (2000) chamará nossa atenção para a história das reformas escolares e seu processo de busca por discursos hegemônicos e novos padrões de formatação; Giroux (2000), por sua vez, defenderá o protagonismo dos atores sociais na criação de novos currículos,

articulando política e cultura para tornar a escola, atualmente corporativizada, um espaço público e de relevância social. Apple (2000) e Gentili (2000) falarão a respeito do processo de “mcdonaldização” que vem se passando com a escola e com a própria Educação. Ambos os autores nos propõem brilhantes reflexões sobre o consumo do *outro*, no contexto globalizado em que estamos inseridos. Por fim, Silva (2000) nos aponta para a necessidade de “descolonizar o currículo” através de movimentos contra hegemônicos de resgate às culturas locais também através dos atores sociais que fazem da escola seu palco cotidiano.

Apresentados estes pressupostos teóricos, vejamos como as realidades quebequense e paulistana, com suas diferenças e semelhanças no que se refere às questões de ordem sócio-culturais, tratam da temática da *lição de casa*, zona de tensão e/ou encontro entre os diferentes atores que nela e a partir dela se constituem como tais.

a. - A realidade em Trois-Rivière: UQTr

O *Centre de recherche et d'intervention sur la réussite scolaire*, mais especificamente, a professora doutora Rollande Deslands (2005, 2004a, 2004b, 2003, 2002, 2001, 2000, 2000b, 1999, 1998, 1997, 1996), por meio de estudos quantitativos e qualitativos acerca da problemática entre escola, família e comunidade, realizados desde a década de 80 aponta significativo avanço com relação à compreensão do objeto de pesquisa “*lição de casa*”. Dentre eles, destacamos:

- O estudo da legislação no Québec sobre esta temática que desde 2002, Lei 124, pretende que os pais assumam uma maior responsabilidade sobre a educação dos filhos;

- O *Ministère de l'Éducation Loisir et Sport* tem se engajado em acolher os parentes nas escolas e a sustentar esta participação com o objetivo de fazer com que crianças e jovens se desenvolvam;

Tais medidas visam promover, sustentar e reforçar a participação dos pais no sucesso escolar especialmente das crianças de meios menos favorecidos.

A partir das referidas providências legais, muitos estudos têm sido feito na região do Quebec sobre o tema, de forma que algumas conclusões iniciais apontem para a necessidade de uma maior convergência de discursos e práticas entre família e escola para melhor contribuir com o êxito escolar dos alunos/filhos.

Assim, as pesquisas canadenses nos apontam que um ambiente escolar “positivo” e “seguro” são fatores importantes na promoção de sucesso escolar na medida em que promovem um sentimento de autoconfiança necessário para que a criança assuma o papel protagonista e autônomo tão presente nos discursos vigentes sobre as boas práticas pedagógicas do século XXI.

Nesta mesma medida, situação correlata precisa existir no âmbito familiar, o que nos permite afirmar que o apoio afetivo e a constatação de saberes por sua positividade são fatores importantes para um bom desempenho escolar.

A partir dessas constatações, algumas repercussões evidenciam-nos que a relação entre pais e família deve ser estreita e não mais restritas às consideradas “situações-problema” que tragam no centro a criança e seus supostos desajustes. Encontros, reuniões, planejamento, participação nos projetos, entre outros, são algumas maneiras de aproximar pais e escola de

uma maneira positiva e construtiva, muito mais ligada aos saberes e as positivities do que aos erros, às faltas, às inadequações.

Neste contexto sócio-cultural e pedagógico, os papéis da escola e da família têm sido recorrentemente revistos e reajustados a partir das rápidas transformações por que passa a sociedade contemporânea, a *lição de casa* torna-se locus por excelência do encontro entre esses diferentes lugares sociais de que fazem parte e se constituem as crianças.

Ao promover uma interlocução sistemática entre os universos doméstico e escolar, o trabalho com a *lição de casa* pode se transformar numa rica discussão que coloca em pauta diferentes pontos de vista, diferentes saberes, variadas hipóteses, maneiras de pensar sobre os fatos cotidianos. No entanto, torna-se claro que nada disso acontecerá por si mesmo e que, portanto, a *lição de casa* é um objeto de estudo que poderá iluminar diferentes dimensões da prática pedagógica que, por sua vez se vinculam às diferentes concepções de educação, infância, escola e sociedade. Não há, nessa perspectiva, a lição ideal ou a melhor lição. Tal qualificação será constituída no acontecimento, no desenrolar das situações, dos contextos escolares e das diferentes problemáticas que, porventura, venham a se fazer presentes em um ou em outro contexto sócio cultural. (algo a que o professor deverá atentar por meio da observação, do registro e do planejamento sistemáticos).

De acordo com os estudos canadenses, temos que: até os 10, 11 anos, há a necessidade de um maior envolvimento dos pais e, portanto, uma maior necessidade do apoio afetivo e da comunicação entre os envolvidos. Observa-se ainda uma nítida diferença entre o desempenho das meninas e dos meninos: as primeiras são consideradas mais autônomas e com mais iniciativas, enquanto que os meninos precisam de um maior apoio e incentivo familiar para cumprirem com êxito os desafios presentes nas

lições. Alunos com mães mais escolarizadas têm melhor desempenho escolar e o envolvimento da família nas tarefas escolares é apontado como fator de sucesso no desempenho dos alunos na medida em que promovem atitudes de perseverança, persistência, e auto-confiança. De um modo geral, são as mães que se ocupam de seguir a criança na escola e a partir desse dado, os pesquisadores chamam a atenção para o fato da importância da presença e do incentivo paterno no bom desempenho escolar de seus filhos¹.

Ainda em relação aos dados canadenses, a formação de professores é apontada como questão crucial na promoção de um ambiente acolhedor e cooperativo entre a escola, família e comunidade, posto que a partir do planejamento e do próprio projeto educativo que se dará a inserção da família na escola.

Assim, a importância da parceria família/escola é um conhecimento precisa ser inserido na formação inicial e na continuada dos professores, por meio de disciplinas ou através de cursos de extensão em que sejam tratados assuntos que vão desde a discussão acerca do boletim escolar até a discussão de estratégias para que os mesmos participem junto aos seus filhos e aos professores, enfim, fazendo parte da comunidade escolar mais ampla.

b. A realidade em São Paulo: FEUSP

Tal como o Canadá, o Brasil instituiu algumas políticas públicas que deixam transparecer a preocupação de fazer convergir a parceria família/escola no que diz respeito ao desempenho escolar das crianças.

¹ Para maiores informações» conhecer de l'Observatoire International de la réussite scolaire du CRIRES,
<http://www.ulaval.ca/crites/html/observatoire.html>.

O Ministério da Educação e Cultura brasileiro (MEC) instituiu o Dia Nacional da Família na Escola e publicou, em 2002, a cartilha Educar é uma tarefa de todos nós. Um guia para a família participar, no dia-a-dia, da educação de nossas crianças (Brasil, Ministério da Educação, 2002), seguindo uma tendência global de política educacional neoliberal de formalização da participação dos pais na escola. No nível local, esta orientação começa a se formalizar nas escolas públicas, pois expressa uma concepção cultural do dever de casa como uma prática desejável, há muito adotada pelas escolas particulares (Cf. MEC, 2003).

A Escola Municipal Professor Agostinho Fonseca Neto, de João Pessoa, por exemplo, elaborou a Cartilha Aprendendo com Carinho, com a finalidade de mostrar às pessoas que formam a comunidade escolar – professores, funcionários, estudantes e, especialmente, pais e mães de alunos – ,como o envolvimento dos pais na aprendizagem dos filhos, em casa e na escola, pode melhorar o seu desempenho na escola e na vida” (João Pessoa, Secretaria de Educação e Cultura – SEDEC, 2002, p. 3).

A crescente produção de trabalhos que têm como foco a *lição de casa* e a relação família/escola (Franco, 2002; Nogueira, Romanelli, Zago, 2000; Carvalho, 2000) nos dá indícios de que tal problemática passa a ocupar um lugar central na agenda da Educação.

Dentre as pesquisas por nós consultadas, a que mais chamou a atenção foi a de Carvalho (2000), que aponta para a divisão social de gêneros e suas repercussões no que tange ao acompanhamento dos filhos na execução das lições de casa. Segundo o autor, o dever de casa, embora pouco estudado ou problematizado, é uma prática que integra as relações família–escola e a divisão de trabalho educacional entre estas instituições. Ele pode ser visto das seguintes formas: como uma necessidade educacional, reconhecida por pais e professores, como uma ocupação

adequada para os estudantes em casa, e também como um componente importante do processo ensino–aprendizagem e do currículo escolar. O dever de casa pode ser concebido como uma política tanto da escola e do sistema de ensino, quanto da família. O primeiro objetivando ampliar a aprendizagem em quantidade e qualidade para além do tempo–espaço escolar, e o segundo visando estimular o progresso educacional e social dos descendentes.

A pesquisa de Carvalho, realizada em uma escola pública de João Pessoa, traz dados interessantes sobre a insatisfação dos professores e professoras com a participação de mães e pais no processo educativo de seus filhos:

A divisão de gênero está presente na separação público/escola – privado/casa no caso da educação, impondo enormes responsabilidades e carga de trabalho às mães. Veja-se este exemplo: As técnicas encarregadas do Plano de Desenvolvimento Escolar (PDE) de uma escola pública municipal de João Pessoa tiveram a idéia de elaborar uma cartilha para mostrar à comunidade escolar como o envolvimento dos pais na aprendizagem dos filhos, em casa e na escola, pode melhorar o seu desempenho na escola e na vida. Criaram uma história em quadrinhos com três episódios. O primeiro traz uma conversa entre duas vizinhas sobre os cuidados com os filhos. Maria diz a Luíza que, mesmo trabalhando o dia inteiro e mesmo sem saber ler, ela pode arranjar um tempinho e sentar com o filho para ver o dever de casa. No segundo episódio, Luíza vai à escola perguntar à professora por que não está enviando dever de casa para o filho. A professora explica que é porque ele não vinha fazendo e aproveita para ensinar a Luíza o seu papel de mãe: ajudar o filho “a gostar mais de estudar e de fazer as tarefas”. O terceiro episódio mostra uma reunião de “pais” na escola. Há pais e mães, mas os pais estão em primeiro plano e quem fala é

um pai que pede esclarecimentos à professora sobre obstáculos à aprendizagem. Esta explica, então, como “os pais” devem colaborar para superar os obstáculos (Cf. João Pessoa, SEDEC, 2002).

Às voltas com a temática da *lição de casa* e da intersecção entre família e escola na responsabilidade educativa que caberá à ambas instituições no que se refere ao processo educativo das crianças/alunas, o Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão Estudos sobre Populações (I)migrantes no Brasil e no Mundo tem intensificado suas investigações acerca dessa questão que, mesmo em caráter inicial, já nos permite elaborar algumas considerações.

Após realizarmos entrevistas² com crianças, pais e mães, sobre a importância da lição no cotidiano dos filhos encontramos respostas que deixam transparecer a forma mecânica e cristalizada com que as lições são apresentadas pelo imaginário de seus usuários.

Tais discursos nos apontam alguns lugares sociais para a lição, na perspectiva das crianças. Assim, a lição é um lugar de obrigação, de oposição à brincadeira e de garantia de um futuro melhor. Algumas vezes, o futuro é mais imediato e diz respeito aos próprios critérios escolares (passar de ano), enquanto em outras ocasiões o futuro se refere ao mundo adulto e ao mercado de trabalho (ter um bom emprego quando adulta ou “ser alguém na vida”).

² Nossos agradecimentos a Pedro de Mattos Vituzzo, graduando do Instituto de Física da Universidade de São Paulo e aluno da disciplina optativa Fundamentos/ Metodologia da Alfabetização/ Letramento de Jovens e Adultos, que coletou os dados citados no presente artigo.

Na maioria das entrevistas, as lições aparecem como um mal necessário, algo chato de ser feito, mas, por outro lado, um instrumento eficiente para o aprendizado das “matérias” escolares. As crianças apontam para a importância da repetição, da pontualidade, da eficiência na produção, da importância do não atraso, da perspectiva do ser reprovado e, por fim, de não ter um bom futuro.

Selecionamos algumas passagens de nossas entrevistas que dão visibilidade ao lugar social que as lições ocupam nas narrativas infanto-juvenis³ que corroboram nossa afirmação anterior⁴:

“Não gosto de fazer as lições por que são muito cansativas. Não esqueço de levá-las para casa e não entrego com atraso.” ; “Elas ajudam a desenvolver o aluno na escola, a aprender a matéria, e servem como revisões para as provas, avaliações, etc.”; “Quanto mais se pratica, mais se aprende.”; “Eles dizem que eu aprenderei mais rápido.”; “Algumas sim e outras não, por que, por exemplo, cruzadinha não ajuda em nada”; “Meus pais ficam falando que seu não fizer eu vou repetir de ano.”; “Meus pais não me encorajam, por que sei que tenho que fazer a lição.”; “Meus pais falam que seu eu estudar vou ter um bom emprego quando for adulta.”; “Eles me dizem que meus únicos deveres são brincar e estudar, e quando é hora de estudar, tem que ser pra valer.”; “Minha mãe fala: ‘Estuda, meu filho, para ser alguém na vida’ ou ‘Termine logo para brincar’”.

Como pudemos perceber, na perspectiva dos pais e das mães, as lições são vistas como parâmetro de absorção de conhecimento por parte de seus filhos. O conhecimento é entendido como algo a ser acumulado e,

³ Realizamos entrevistas com crianças de 10 e 11 anos de idade

⁴ Cada uma das afirmações apresentadas foi feita por um aluno. Ou seja, há excertos de entrevistas feitas com dez crianças.

portanto, quando mais se repete o exercício, mais chance se tem de apreendê-lo por completo.

A preocupação com o acerto, a verificação das aprendizagens, do diálogo com a família mediante “problemas” de execução, pontualidade e produtividade deixam transparecer que o discurso dos filhos, reproduz em muito o discurso dos próprios pais que, por sua vez, também reproduzem um discurso de eficiência e produtividade que corresponde ao que Gentili (2000) se refere ao utilizar o termo “mcdonaldização” escolar.

O modelo mercadológico de produtividade e eficiência é aquele que leva a crer na possibilidade de “absorção” do conhecimento, metáfora que explicita a representação do conhecimento como objeto, como coisa a ser deglutida, consumida, ingerida.

A *lição de casa* é apresentada, tanto pelos pais como pelos filhos, como oposta ao prazer e ao brincar. Tal oposição nos faz pensar que a *lição de casa* não é utilizada como instrumento de “conversa” entre as mais diferentes instâncias sociais (livros, filmes, notícias, situações, lugares visitados, idéias pensadas, entre outras) e, quando tenta ser, é entendida pelos estudantes como inútil ao aprendizado (cruzadinha não serve para nada – SIC). Ao contrário, a “boa” lição é vista como tarefa enfadonha que, através de repetições intensivas, promove o imaginário de absorção de conhecimento, sendo muitas vezes realizada com atrito entre pais e filhos.

Vejamos agora algumas passagens das entrevistas feitas com os pais dos alunos citados anteriormente quando esses nos revelam o seu ponto de vista sobre a temática deste artigo e a relações que seus filhos estabelecem com a mesma:

“[As lições de casa] São importantes, pois servem como um teste para saber se o aluno aprendeu o que foi ensinado, além de ajudá-lo a aprender e ir melhor na escola.”; “Verificar se a lição foi feita e ver se está correta. Daí explicar e se preocupar, variando a lição de acordo com a dificuldade na matéria, além de contatar pai e mãe, caso haja problemas.”; “[As lições de casa] São importantes para complementar o aprendizado de sala de aula. Elas ajudam minha filha a aprender e desenvolver suas habilidades. Servem como termômetro, já que mostram que há tempo para diversão, e tempo para estudar, além de ajudar a melhorar o desempenho escolar.”; “É bom eles sempre mandarem lição, para ver se o aluno prestou mesmo atenção na aula. Também variar os tipos de lição, como trabalho e pesquisas. Verificar o interesse pela lição e chamar os pais caso haja dúvidas.” “Ajudam os alunos a aprenderem e absorverem as instruções. Minha filha não tem muito tempo para brincar; na maior parte do tempo, fica fazendo lição.”. “Esclarecer bem a matéria dada em sala de aula, para que sejam feitas com clareza. Se assegurar que os alunos têm condições de fazer a tarefa e variar os tipos os tipos de lição, para haver melhor aproveitamento. Avisar os pais quando houver problemas, mas se for uma mãe presente, ela mesmo saberá das dificuldades.” “Ele não esquece de levar para casa, nem entrega atrasado. Ele mesmo termina a lição, mas precisa de alguém do lado.”.

Ou então, a conversa com o aluno Fábio, 11 anos, aluno de uma escola particular de São Paulo:

Entrevistadora: Quantas vezes por semana você leva lição de casa? Fábio: Todos os dias, menos de fim de semana. Entrevistadora: E o que você acha da quantidade? Muita, pouca, razoável? Fábio: ahhh, tem muita! Entrevistadora: Você a faz sozinho ou com a ajuda de alguém? Quem? Fábio: a minha mãe me ajuda quando eu faço em casa, mas as vezes

faço na escola, tem as pessoas que ajudam aqui. Entrevistadora: Você acha que a lição de casa te ajuda a aprender? Fábio: mais ou menos, acho que a lição ajuda um pouco a aprender. Entrevistadora: O que você acha de fazer lição de casa? Fábio: eu gosto mais ou menos, preferia que não tivesse, mas já que tem... Entrevistadora: E quando você está fazendo, está totalmente concentrado? Não pensa em fazer outras coisas? Fábio: Ah, eu penso que poderia acabar logo para poder jogar vídeo game ou fazer coisas mais interessantes, mas já que tem...

A relação entre fazer lição e ter um bom futuro – o que significa ter um bom emprego e “ser alguém na vida” – explicita a crença segundo a qual, o acesso à escola, por si só, será suficiente para superar as desigualdades sociais e econômicas que transcendem em muito à esfera pedagógica. Nas narrativas de crianças/alunas e adultos/pais, a escola e, mais especificamente, o ato de fazer *lição de casa*, são apontados como fatores cruciais para uma suposta ascensão social.

Precisamente sobre esta questão, pudemos dialogar com a pesquisa de KRAMER (2003)⁵ que procura mapear as circunstâncias historicamente construídas que culminam com uma política de inclusão escolar de crianças das classes populares pautada na abordagem da privação cultural e sua correlata, a denominada *educação compensatória*. Neste tipo de proposta, já ultrapassada ideologicamente, mas ainda bastante presente nas práticas cotidianas, a escola teria função de suprir e compensar as carências, inadequações e maus hábitos adquiridos e produzidos na vida em família. A suposta parceria, neste contexto, é, antes, uma moralização e normalização

⁵ Embora a pesquisa de Kramer se refira à política do pré-escolar, consideramos que seus argumentos são de extrema relevância e atualidade para os demais segmentos da educação, posto que a questão por ela apontada diz respeito à inadequação das famílias e das crianças de classes populares, sempre comparadas às famílias e às crianças da chamada ‘classe média’.

familiar, do que uma real co-responsabilidade no que se refere à educação das crianças. Ou seja, a citada autora apontará ainda para o mito de concebermos a escola como promotora de melhoria social quando inserida em uma sociedade de classes estruturada justamente, na desigualdade social. Em suas palavras, *tal concepção é uma maneira de esconder os reais problemas da sociedade e de evitar a discussão dos aspectos políticos e econômicos mais complexos* (Kramer, 2003: 22).

Considerações finais

Ao nos propormos a pesquisar sobre a *lição de casa* e suas significações para crianças e pais e ao compararmos tais resultados com pesquisas canadenses, bem como de outras regiões do Brasil, torna-se necessário termos em mente que as diferenças sociais, regionais e culturais, estarão sempre dando a tônica do lugar que os significados atribuídos à lição assumem nas narrativas acima referidas.

Neste percurso, pudemos constatar que a *lição de casa*, bem como a parceria entre escola e família, ainda aparece, na grande maioria dos casos, muito mais como forma de controle sócio-cultural do que como efetiva parceria, pautada no respeito às diferenças, aos saberes diversos, às positivities, enfim.

Os documentos oficiais deixam transparecer suas intenções normalizadoras e produtoras de condutas ideais. A família, tal como se apresenta de fato, é pouco ou nada valorizada pelas práticas pedagogizantes que têm como intuito principal a docilização familiar (Foucault, 1976).

As iniciativas comunitárias analisadas aconteceram no sentido de elaborar “cartilhas” que ensinam *o que se deve fazer e como fazê-lo*. Sendo assim, se relacionam com famílias que, de forma apriorística, não sabem o

que fazem nem como o fazem. As famílias são, por princípio, concebidas como inadequadas e, por consequência, produtoras de inadequação nas crianças. O suposto convite ao diálogo torna-se, antes, uma transmissão de saberes universais, a-críticos e a-históricos que acontecem na forma de um monólogo: as escolas transmitem, as famílias “absorvem” e reproduzem. As diferenças e heterogeneidades, muito presentes no discurso de “parceria família-escola” travestem-se no formato prescritivo em que o que está em jogo é a pasteurização de comportamentos e condutas.

Por sua parte, as *lições de casa*, são concebidas como dispositivos de controle dos aprendizados, exame minucioso dos conteúdos trabalhados, produzindo critérios de medição de aproveitamento escolar e, por fim, são vistas como passaporte de acesso ao mercado de trabalho. As crianças, desde cedo se apropriam desse discurso de produtividade com a esperança de, algum dia, virem a ser “alguém na vida”, como se já não o fossem. Sendo assim, em muitos casos, como o de Fábio, a *lição de casa* é aceita passivamente, “porque tem”, “já que tem”, de forma que o aluno não questiona mais, apenas aceita e faz, rápido, para que “sobre” tempo.

Ser alguém é produzir, trabalhar, ter uma vida útil, por isso não pode “ter” tempo, mas fazer “sobrar” tempo para brincar, caso contrário não será “ninguém”

As divisões sexistas parecem encontrar terreno fértil para serem (re)produzidas na escola, instituição ainda dominada pelo poder feminino, que reconhece nas meninas, uma maior autonomia e eficiência no que se refere à produtividade esperada. Os meninos são, nessa medida, apontados como menos adequados e menos capacitados para o desempenho acadêmico considerado ideal.

O nível de escolarização dos pais, também apontado como indício de bom aproveitamento, deixa transparecer que o que se valoriza na escola é, acima de tudo, a *cultura escolar*, e não qualquer cultura. Nesta perspectiva, reproduz-se, nas escolas, as desigualdades que operam nos níveis macro sociais: quanto maior a escolarização das famílias, melhor o desempenho dos alunos e vice-versa. O impacto da escola em crianças provenientes de famílias pouco escolarizadas parece ser mínimo se tais famílias não se adaptam às expectativas escolares. A produção de fracasso escolar está dada de antemão.

Por fim, a *lição de casa*, de instrumento de sistematização do conhecimento, de diálogo com o mundo exterior ao escolar e de meio de interlocução entre família e escola; torna-se um *fim em si mesma*, forma de controle disciplinar, controle sobre as aprendizagens, sobre o certo e o errado, sobre a diversidade entre os âmbitos familiar e escolar, controle sobre as formas de pensamento e, quem diria, até sobre o futuro!

Pudesse a lição ser simplesmente um lugar de registro, socialização e confronto de hipóteses, ou ainda, lugar de aprendizagem que é, por condição, processo, indeterminação, flexibilidade e interlocução.

Em suma, tendo em vista a possibilidade de realização da parceria UQTr e FEUSP, aliada à importância da temática, daremos continuidade a coleta de dados durante o segundo semestre de 2007.

Referências bibliográficas

APPLE, M. W., Consumindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas baratas. In: *Escola Básica na virada do Século*, São Paulo: Cortez, 2000.

CARVALHO, M. E. Pessoa. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 110, p. 34-45, julho/2000.

DESLANDES, R.. Réussite scolaire : déterminants et impact des relations entre l'école et la famille». In: Deblois et D. Lamothe (dir.), *La réussite scolaire. Comprendre et mieux intervenir*, Québec, Presses de l'Université Laval, p. 223-236, 2005..

_____ Collaboration famille-école-communauté pour une inclusion réussie. In: N. Rousseau et S. Bélanger (dir.), *La pédagogie de l'inclusion scolaire*, Québec, Presses de l'Université du Québec, p. 326-346, 2004a

_____ Regard sur les compétences des enseignants requises dans leurs relations avec les parents d'élèves. In: R. Toussaint et C. Xypas (dir.), *La notion de compétence en éducation et en formation*, Paris, L'Harmattan, p. 151-173, 2004b.

_____ L'environnement scolaire. In: M. Hamel, L. Blanchet et C. Martin (sous la dir. de), 6-12-17, *Nous serons bien mieux ! Les déterminants de la santé et du bien-être des enfants d'âge scolaire* (p. 251-286), Québec, Les Publications du Québec, 2001.

_____ Relationships between student development, student gender and student support for family-school partnerships at the secondary level. In: *Symposium : Perspectives on Parental Involvement in Education: The Perspectives and Contributions of Multiple Stakeholders*, communication présentée au 2000 AERA Annual Meeting, New Orleans (Louisiane), 2000.

_____ Une visée partenariale dans les relations entre l'école et les familles: Complémentarité de trois cadres conceptuels. In: *La revue internationale de l'éducation familiale*, vol. 3, nos 1 et 2, p. 30-47, 1999.

_____ *Collaboration entre l'école et les familles : Influence du style parental de la participation parentale sur la réussite scolaire au secondaire*. Tese de doutorado. Quebec, Université Laval, 1996.

GENTILI, P., A mcdonaldização da escola: a propósito de “consumindo o outro”. In: *Escola Básica na virada do Século*, São Paulo: Cortez, 2000.

GIROUX, H. *Pedagogia Crítica como projeto de profecia exemplar: cultura e política no novo milênio* In, A Educação no Século XXI, Porto Alegre: ArtMed, 2000.

KRAMER, S. *A Política do Pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. São Paulo, Ed. Cortez, 2003.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 1977.

FRANCO, M. O. C. de M. *Práticas familiares em relação ao dever de casa: um estudo junto às camadas médias de Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002.

JOÃO PESSOA, Secretaria de Educação e Cultura.
<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/sedec/>. Acesso em 15/08/2007.

PAULA, F. A. *Lições, deveres, tarefa, para casa: novas e velhas prescrições para professoras*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, 2000.

POPKEWITZ, T.S., Reforma, Conhecimento Pedagógico e administração social da individualidade: a educação escolar como efeito do poder, In, A Educação no Século XXI, Porto Alegre: ArtMed, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação, INEP, (2003). Brasília: Sala de Imprensa – Notícias do SAEB. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. BRASIL, Ministério da Educação, SEF, (2002). *Educar é uma tarefa de todos nós. Um guia para a família participar, no dia-a-dia, da educação de nossas crianças*. Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental, Assessoria Nacional do Programa Parâmetros em Ação.

ZARDETTO, Raquel. *Lição de casa: acompanhe com moderação*. <http://www.eaprender.com.br/131>. Acesso em 23/08/2007.

Autoras

Nilce da Silva

Cientista Social, pós-doutora pela Université Paris Nord. Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) em nível de graduação e pós-graduação. Em 2006, obteve bolsa do governo canadense para realizar pesquisa exploratória acerca das instituições de ensino superior na região de Montreal, Trois – Rivières e Sherbrooke. É editora responsável pelo periódico eletrônico *Acolhendo a Alfabetização em Países de Língua Portuguesa* (www.acoalfaplp.net). Autora de diversos

artigos sobre temas relacionados à lusofonia, no momento, prepara um livro acerca da história de Moçambique – tendo como foco da redação a vida e obra de Eduardo Mondlane.

Contato: nilce@usp.br

Marta Serra Young Picchioni

Psicóloga graduada pela PUC-SP, Licenciada para o Magistério da Educação Infantil pelo ISESP (Instituto Superior de Educação de São Paulo), Mestranda em Psicologia e Educação pela FEUSP. Atualmente é professora do curso de Pedagogia do ISESP e parecerista do periódico eletrônico *Acolhendo a Alfabetização em Países de Língua Portuguesa* (www.acoalfaplp.net)

Contato: martasyp@terra.com.br

Claudia de Mendonça Cascapera

Pedagoga graduada pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, mestra em Linguagem e Educação pela mesma instituição. Atualmente é auxiliar de ensino na Fundação Liceu Pasteur – casa Santos Dumont e parecerista do periódico eletrônico *Acolhendo a Alfabetização em Países de Língua Portuguesa* (www.acoalfaplp.net).

Contato: claudia.cascapera@gmail.com

Como citar este artigo:

SILVA, Nilce; PICCHIONI, Marta Serra Young e CASCAPERA Claudia de Mendonça. **Estudo sobre atitudes, valores e crenças a respeito do papel das famílias de alunos na fase inicial da escolarização no contexto da realização das “lições de casa”: diálogo com a experiência quebequense.** Revista ACOALFaplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 6, 2009. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Publicado em: março 2009.

Recebido em maio de 2008/ Aprovado em junho de 2008